

# **UNISC**

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL 2011**

## **Cleusa Prates**



# ACORDE MULHER: O FAZER E O SER NO UNIVERSO FEMININO NO PROCESSO DE GRUPO

## PRINCÍPIOS ÉTICOS DE GRUPO DENTRO DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Estou aqui.  
Que distancia percorri.  
Ultrapassar as zonas de conforto.  
Enfrentar as sombras e as (in) certezas que (i) mobilizam,  
E mais adiante, a loucura que ronda.

O cansaço entranha n'alma.  
Mas, finalmente, aqui.  
Atenta e presente.  
Plena, inteira e entregue.  
Pronta pra mergulhar.  
Cléo

Neste texto me proponho a refletir sobre alguns princípios da Educação Biocêntrica que se expressa na facilitação dos grupos. Nesse trabalho acompanho o processo de organização de um grupo de mulheres chamado Acorda Mulher, grupo este localizado em um bairro de periferia de Porto Alegre, que se propõe a produzir e comercializar coletivamente produtos artesanais. No fazer, criar e se desfazer de suas artes existe uma série de dimensões que ultrapassa o produto da criação. Envolve o ser que cria e se revisa permanentemente no contato com o outro.

É neste contexto que se insere a Educação Biocêntrica como uma metodologia que possibilita, no gestar do produto, repensar o seu criador. Nesse caminho não existe “separação ou esconderijo” para nenhum dos participantes que acompanham esta trajetória. Artesões, facilitadores, redes de família e amigos. Todos fazem parte de um universo que se reconstrói a todo instante. Ninguém está salvo. Na troca de saberes os personagens vão se mesclando e, ao mesmo tempo, tornam-se únicos afirmando a sua identidade de criadores.

É neste território que mergulho. Acompanhando o processo de organização do Acorde, experimentar ações no campo da Educação Biocêntrica e refletir seus resultados no grupo.

Ao mesmo tempo, propor um diálogo teórico-prático sobre a educação Biocêntrica, princípios, metodologia acreditando ser esta uma ferramenta transformadora de trabalho com coletivos.



Nesse caminho, sonhar/desejar/transformar, este e outros territórios de inserção, em espaços de experimentação no campo da educação, especificamente, da Educação Biocêntrica, refletindo e bio-experimentando<sup>1</sup> possibilidades de “gestar grupos”. E o mergulho inicialmente solitário, passa a ser solidário, onde reflexões e vivências possibilitam dar suporte a outras rotas. E nessa mescla de informações cria-se um laboratório ou uma alquimia<sup>2</sup> de saberes que muito irá contribuir com aqueles que querem desenvolver práticas transformadoras de trabalho com coletivos.

Ser gregário,  
No coletivo, solidário.  
Nasci família,  
Cresci em escolas,  
E mergulhei em muitos espaços,  
Sempre buscando a mim mesma,  
Cada rota, cada encontro, fez o que eu sou,  
E me levou onde estou.  
Cléo

## EXPERIMENTANDO A VIDA EM GRUPOS

Ao longo da minha trajetória sempre acreditei que o ser humano, em essência, é profundamente gregário e cooperativo, solidário, relacional e afetivo. E o seu desenvolvimento está diretamente vinculado as trocas que estabelece no decorrer da vida. Neste sentido, todos os espaços aos quais nos inserimos: famílias, amigos, escolas, trabalhos, grupos e redes podem potencializar a identidade do “Ser Coletivo”. A existência compartilhada contribui significativamente para o crescimento da identidade singular e societária.

Mas nem sempre isso é possível. Dependendo da trajetória, a trilha conduz a caminhos absolutamente inversos e submetem “o Ser” a um processo contínuo de castração, exclusão e desconstituição dificultando o desenvolvimento de todos os seus potenciais enquanto pessoa humana.

---

<sup>1</sup> Bio-experimentar aqui entendido como processo de inserção ou mergulho dentro de um território, espaço, grupo, propondo, vivenciando a partir da Educação Biocêntrica e sua metodologia e refletindo este processo com o coletivo.

<sup>2</sup> Alquimia entendida aqui como a arte de transformação, identificação do que está oculto e presente, ao mesmo tempo. Processo de transmutação e de buscar dentro de si, o “elixir da sua própria cura”.



Mas novas fugas ou desvios podem possibilitar a recondução da rota. Revelo a minha trajetória onde, intuitivamente, o meu peregrino interno, construiu uma caminhada orientada por encontros e parcerias diminuindo a distancia no movimento de afirmação da minha identidade de ser criador. A primeira rota, levada e orientada, foi em direção a igreja. O contato com a espiritualidade, os sentimentos desconstruídos sobre vida e da morte - transcendência. É nesse espaço que inicio o aprendizado de um “viver coletivo”. Na adolescência, mais consciente das desigualdades sociais passo a integrar as pastorais. Na universidade amplio a participação para organizações partidárias na luta pela transformação das estruturas de poder. Mas isto ainda era insuficiente. Faltava uma parte do quebra-cabeça. Na busca da minha identidade foi fundamental mergulhar nos movimentos sociais: no movimento negro, no movimento de mulheres e, por fim, no movimento de mulheres negras. Iniciei um trabalho em uma ONG e conheci o poder das organizações na luta contra as desigualdades sociais, principalmente, no movimento pela Reforma Urbana<sup>3</sup>. Coloquei o conhecimento e a paixão a serviço da mobilização das pessoas por transformação social. Nesse caminho encontrei as redes associativas e duas palavras tomaram forma e significado: autogestão e autonomia. Presencio na vida o que sempre acreditei - o “Ser Criativo, Organizado, Coletivo”, pode produzir saídas autônomas para a sua vida.

Todavia, permanecia certa inquietação. A trajetória não estava completa. Apesar das organizações atuarem na luta contra o sistema econômico, social, cultural as ações se restringiam a um “Ser para fora”, não se comprometendo com mudanças pessoais, como parte do projeto que estão construindo. As mudanças ficavam relegadas a um “dever futuro”, sempre vinculadas ou condicionadas a um processo de transformação mais geral da sociedade. Já ouvi de muitos dirigentes o seguinte: “as pessoas irão mudar quando a revolução chegar”, ou “após as grandes reformas”, ou

---

<sup>3</sup> O Movimento da Reforma Urbana é um grupo de organizações que lutam por políticas que garantam direitos básicos de todos, como moradia de qualidade, água e saneamento, transporte acessível e eficiente. Segundo Éder Roberto da Silva este movimento foi de caráter frentista com metas e propósitos bem definidos em escala nacional, um espaço de articulação entre organizações vinculadas, de algum modo, à questão urbana. Uma espécie de fórum de articulações múltiplas com o objetivo de unificar vários movimentos em torno de uma plataforma única de proposições, tendo como centro a cidade. Segundo Ermínia Maricato, o Movimento pela Reforma Urbana surgiu "de iniciativas de setores da igreja católica, como a CPT - Comissão Pastoral da Terra", que se dedicava à assessoria da luta dos trabalhadores no campo e passou, a partir de uma primeira reunião realizada no Rio de Janeiro, no final dos anos 1970, a promover encontros destinados a "auxiliar a construção de uma entidade que assessorasse os movimentos urbanos". As entidades e associações que se articularam desde então obtiveram, em meados de 2001, a aprovação de uma lei federal, o Estatuto da Cidade, capaz de municipalizar a reforma urbana em muitos de seus propósitos.



ainda, “quando a democracia for instalada”, ou “quando reconhecerem os direitos das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos povos indígenas”. E as relações de dominação e poder se mantêm, assim como os velhos preconceitos permanecem consolidados: nas organizações, na vida das pessoas, nas relações entre as pessoas. Incrustadas dentro do ser.

Percebendo estas contradições avanço na caminhada e conheço os grupos de Biodança. E se revela mais uma peça do meu quebra-cabeça existencial. Após alguns anos fazendo “a dança da vida” concluo que não é possível uma transformação social sem reestruturar nossos universos internos e as formas de relação entre os seres humanos.

No mergulho vivencial as peças se reorganizam. E finalmente passam a ter sentido. Refletindo cada passo, cada encontro, percebo o quanto os grupos orientaram a minha vida e de outras tantas caminhadas. O processo de transformação é singular e coletivo, teórico e reflexivo, vivencial e afetivo.

Pensando na importância dos encontros para a superação ou transgressão dos limites impostos pela sociedade é que se coloca esse trabalho. A questão posta: como gerar ou impulsionar os primeiros passos?

E a rota me leva ao Curso da UNISC onde, a partir do estudo da Educação Biocêntrica: conceitos, princípios e ferramentas metodológicas, reitero a crença que nada é mais revolucionário ou evolucionário do que uma teoria que tenha por base o resgate dos princípios originários da vida – Princípio Biocêntrico, do afeto e do amor. E que de fato carece na nossa sociedade uma educação humana e afetiva, que instigue os primeiros movimentos em cada Ser. Com diz a música, Serra do Luar de Walter Franco, o processo é...“de dentro pra fora, de fora pra dentro”. Este é o foco de uma rota, de uma busca, desse trabalho.



A vida,  
Cada dia se faz,  
Em um instante cria,  
Em outro grita.  
A minha, farei aos poucos,  
Aos socos,  
Como os loucos.  
Cléo

## **A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA COMO UMA METODOLOGIA TRANSFORMADORA DE TRABALHO COM COLETIVOS - GRUPOS**

Retomando o curso de Educação Biocêntrica, em uma das primeiras aulas<sup>4</sup>, recebo uma frase que coloca o seguinte: “O Princípio Biocêntrico implica uma ética que se gera na afetividade.”

Por princípio<sup>5</sup>, aqui entendido como origem, causa primária de algum fenômeno. Biocêntrico pressupõe que o universo está organizado em função da vida. E quando falamos em Educação Biocêntrica estamos nos atendo em uma metodologia centrada na vida. Segundo Rolando Toro:

“A educação Biocêntrica parte de um novo paradigma das Ciências Humanas que é o Princípio Biocêntrico. Seu objetivo é a conexão com a vida. Sua metodologia é a vivência e tem como prioridade o desenvolvimento de pautas internas para viver, estimulando os potenciais genéticos que se constituem a estrutura básica de identidade. A imagem do ser humano proposta é de ser relacional, ecológico e cósmico. A matéria da Educação Biocêntrica é a vida. O desenvolvimento da afetividade, da percepção ampliada e da expansão da consciência ética devem ter prioridade absoluta. Utiliza como mediação o Sistema Biodanza, através do qual se expressam os potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência” (Toro, Apostila do Módulo de Educação Biocêntrica).

Da mesma forma, a professora Ruth Cavalcanti (2006), Didata em Biodança, apresenta a teoria de Educação Biocêntrica, sua metodologia vivencial e o instrumental didático pedagógico adequado para a sua compreensão em todos os níveis: sensorial, perceptivo, intuitivo, emocional possibilitando um profundo processo de reflexão e reeducação do viver. Parte do pressuposto que para o processo de transformação realmente ocorra é necessário um instrumental didático, metodológico

---

<sup>4</sup> Curso de Educação Biocêntrica – disciplina Princípio Biocêntrico: Uma Hermenêutica da Vida – Feliciano Flores.

<sup>5</sup> Dicionário Aurélio.



coerente. Destaco alguns pontos do texto de Ruth Cavalcanti sobre Educação Biocêntrica:

“A Educação Biocêntrica orienta-se por princípios que emergem da própria vida. Surge a partir de uma profunda reflexão sobre a sacralização da vida....

....A nossa ação educativa tem por objetivo despertar os instintos e possibilitar a sua expressão, restaurando a base instintiva da vida, buscando a orientação desses impulsos primordiais. A força dos instintos se vincula ao desenvolvimento da identidade. Os instintos de sobrevivência e de conservação da vida relacionam-se dinamicamente com a força da identidade. (Cavalcante Ruth, Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva, org. Flores Feliciano, 2006, pag. 31).

No Tomo de Educação Biocêntrica, Rolando Toro(2001) apresenta os principais objetivos dessa teoria:

- Cultivo da afetividade;
- Tomada de contato com a própria identidade.;
- Cultivo da Expressividade e da Comunicação;
- Desenvolvimento da Sensibilidade Cenestésica, percepção do próprio corpo e destreza motora;
- Aquisição do aprendizado vivencial;
- Integração à natureza e desenvolvimento da consciência ecológica;
- Desenvolvimento e ampliação da percepção;
- Expansão da consciência ética;

Destaco o item “Cultivo da Afetividade ou o Princípio Ético Afetivo, onde segundo Feliciano Flores:

“As estruturas cognitivas são fortemente impulsionadas quando se estabelece o vínculo entre os protagonistas da aprendizagem (educador e educando). O vínculo surge quando duas pessoas dão início ao diálogo da afetividade; quando a presença de um passa a ter significado para o outro e vice-versa, quando a convivência se consolida no amor mútuo.A afetividade é esta capacidade que possuímos de sermos “afetados” pela presença do outro. Quando nos aproximamos de alguém se instaura, mesmo que involuntariamente, um “diálogo psicotônico”: nossos músculos se contraem ou distendem “(Flores, 2006,pag. 51).



O autor afirma que “desenvolvimento da afetividade é imprescindível para nosso crescimento pessoal”.

Ainda de acordo com Feliciano, a Educação Biocêntrica possibilita ao educando uma aprendizagem reflexivo-vivencial, isto é, uma aprendizagem que, sem menosprezar o intelecto, leva-o a um envolvimento visceral com o que está sendo aprendido.

Muito distante disso é o processo de aprendizado que recebemos na escola, base da nossa formação. E muitas vezes a educação que recebemos na família. No texto Educação Biocêntrica: por uma educação centrada na vida, Feliciano Flores estabelece um diálogo delimitando as diferenças entre educação institucionalizada e a Educação Biocêntrica.

Como educação institucionalizada concebe a educação formal ou tradicional “que se estabelece na sociedade atual baseada em modelos determinados pela cultura levando ao educando se adequar a padrões de comportamento e convivência considerados adequados”.

Segundo ele a educação institucional teria algumas características básicas:

- Prevêem esquemas de conhecimentos, estabelecendo o que é importante saber e que conhecimentos têm valor para aquela sociedade;
- Atua de fora para dentro desrespeitando a individualidade e a identidade pessoal;
- É influenciada por conceitos religiosos e militaristas da autoridade e hierarquia onde está previsto sanções e punições;
- E também por conceitos desportivos na acepção de competição e superação do adversário. A velha noção de que somente os mais fortes serão os vitoriosos desconsiderando relações solidárias e de colaboração;
- Os movimentos instintivos são negados

Interessante destacar que, na sua concepção, a escola carrega em si certa ambigüidade. Por um lado, incorpora e reproduz as contradições inerentes da sociedade. E, por outro é um espaço, um território de possibilidades, que pode impulsionar processos de transformação nessa mesma sociedade.

É neste contexto que apresenta a Educação Biocêntrica. Como outra possibilidade de ser escola e de desafiar o Ser Singular e Coletivo em todas as suas potencialidades.





“É o processo de possibilitar e incentivar o ser humano a “sair para fora”, expressar todas as suas potencialidades, tirar de dentro tudo aquilo que o revela como “ser humano”. Como uma metodologia que tem a vida como um valor supremo, “vida como expressão existencial”. A vida como uma hierofania. E propõe a conexão com a vida.

Quais seriam os pressupostos dessa Educação Biocêntrica? Segundo Carla Coelho (2006) e Feliciano Flores (2006) são os seguintes:

- O processo de aprendizagem reforçado pelo prazer;
- A aprendizagem relacional;
- Forças instintivas;
- Expressão da identidade;
- Autonomia;
- Potenciais genéticos;
- Movimento.

Podemos acompanhar este diálogo e propor outro sobre proximidades e distâncias entre as organizações institucionais tradicionais<sup>6</sup>, e os espaços de adesão voluntária<sup>7</sup> como grupos, redes, movimentos. O que representam estas organizações na vida das pessoas. E, ainda, os pontos de aproximação entre as organizações coletivas e a proposta da Educação Biocêntrica.

Podemos considerar que as organizações voluntárias, via de regra, fogem da conduta padrão ditada pelas organizações institucionais tradicionais. Moldam-se a partir de uma carência de expressão, de certo inconformismo diante da realidade que explora, exclui e desconstitui o “Ser”. Como uma forma de manifestação, na busca de desejos, necessidades e interesses. Orienta-se como uma rota de afirmação da identidade do “Ser Singular e Coletivo”. Este devir movimento depende da busca ou do território.

Nos territórios negros, por exemplo, potencializa, em meio a semelhantes, emergir a identidade étnica e racial, o resgate da auto-estima, revisão do senso

---

<sup>6</sup> Compreendida aqui como escola, família, estruturas de trabalho.

<sup>7</sup> Em associação ou cooperativas chamamos de princípio da livre-adesão<sup>7</sup> - conceito chave para afirmar que existe um querer estar ali. Isto faz toda uma diferença no trabalho. Associação voluntária e aberta: ou seja, podem associar-se a cooperativas todos aqueles que apresentem condições de utilizar seus serviços e aceitar as responsabilidades de associado, sem discriminação de gênero, social, racial, política ou religiosa. (pinho, Diva B. Presidente do Comitê OCB de Gênero em Cooperativas - Tradução e adaptação de publicações de divulgação da ACI). Em grupos de mediação falamos voluntariedade.



estético ditado pelos padrões de beleza preconceituosos enfrentando a ideologia do branqueamento, luta pelo reconhecimento de uma cultura, acesso aos direitos humanos fundamentais e ações afirmativas. Da mesma forma o movimento de mulheres contra a opressão patriarcal, econômica, social, etc. Já nos espaços associativos a busca por cidadania e igualdade: o sonho da casa, do trabalho, saúde pública. E tantos sonhos quantos forem as necessidades.

Podemos até concluir que as organizações voluntárias criam outras amarras, regras, códigos de conduta, prescrições. Como um organismo vivo, um corpo estruturado institucionalmente, reproduz as mazelas, as contradições e vícios inerentes da sociedade da mesma forma que as organizações tradicionais. Afirmando e aproximando o que está “dentro” de suas crenças e afastando o que está “fora”. O que não faz parte do seu receituário. Exemplo: no movimento de luta pela moradia a discussão sobre acesso a um espaço com dignidade aproxima um significativo número de pessoas dentro da nossa sociedade<sup>8</sup>. Contudo, emergem nas mesmas contradições e preconceitos que tanto repudiam fora do território, principalmente, quando se trata de questões de gênero, raça, religiosidade, orientação sexual. São questões consideradas “de fórum íntimo” e que podem gerar constrangimentos. Todavia, quando se permitem enfrentar situações como nos casos de discriminação e violência, por exemplo, é que solidifica a cola que une o grupo. Cria um campo de diálogo localizando cada participante no cenário interno. Construindo e reconstruindo velhas crenças. E sempre tendo o outro como suporte. É no desvio que eu me reencontro.

Em grupos é sempre importante observar o que não é dito nos discursos e nas regras, mas está posto, muitas vezes, como a expressão popular fala: “guardado em baixo do tapete”. É na corporeidade, quando o corpo fala que percebemos o impacto do que é dito. Quando gera prazer existe identificação, similaridades. E quanto sufoca, torna-se insuportável a verdade e a presença do outro.

---

<sup>8</sup> A Fundação João Pinheiro, com base nos dados do Censo 2001, demonstra que no Brasil o déficit de moradias corresponde a 7,2 milhões de novas unidades, das quais 5,4 milhões nas áreas urbanas e 1,7 milhões nas áreas rurais. E 92% do déficit habitacional urbano está concentrado nas famílias com renda de até cinco salários mínimos. Em todas as regiões, inclusive nas áreas metropolitanas, o problema recai sobre as faixas de menor renda. (Site do Movimento Nacional de Luta Por Moradia). A produção de habitação popular no Brasil funciona de diferentes formas. De um lado a autoconstrução muitas vezes em áreas insalubres e irregulares. E de outro a Produção de Habitação de Interesse Social – HIS, de forma coletiva seja através das cooperativas ou associações. O processo é semelhante: constituem a organização, as regras e uma poupança, compram área, tentam acessar financiamento público/subsidiado e estabelecem um diálogo sobre um viver gestado coletivamente. Em geral as famílias percebem até 3 salários mínimos. E existe certa consciência de seus direitos e posicionamento de classe social dentro da sociedade.



É importante refletir o que faz uma pessoa mergulhar voluntariamente nesse universo. Consciência das desigualdades sociais, busca dos semelhantes, auto-descoberta, afirmação da sua identidade?

Os grupos propiciam um movimento de expansão. Diferentemente dos espaços institucionais, estes se constituem a partir de uma escolha, uma necessidade, um desejo, um sonho, um ímpeto. Descobrir a origem deste movimento, resgatar as memórias, histórias são fundamentais para dar continuidade aos caminhos que potencializam a afirmação da identidade de grupo - que é singular e coletiva.

Percebendo estes campos de possibilidades nas organizações coletivas é que se insere a Educação Biocêntrica. Constituindo, dentro dos grupos, territórios de reflexão e diálogo, de bio-experimentação, de escuta profunda, de um olhar que ultrapassa o que é mostrado, de circularidade de fala/dos poderes constituídos/ das posições estabelecidas dentro do grupo. Espaço de resgate dos rituais - construídos no aqui-e-agora fortalecendo os laços ou "a cola" de se estar junto, criando e recriando imagens/sonhos/desejos. E o facilitador não está fora, mas dentro, dando suporte na condução do desejos/dos sentidos/do agir transformador, desafiando, vivenciando e mediando sempre com o grupo.



## Bio-experimentando o Acorde Mulher

A minha entrada no grupo deu-se por passos cuidadosos e muito diálogo. Já conhecia parte das participantes então educadoras de outro projeto que desenvolvia junto a uma comunidade de baixa renda, na região norte de Porto Alegre (Dique 2009). Na época um dos objetivos desse projeto era capacitar um maior número possível de pessoas dessa comunidade com ações de geração de renda focando em técnicas artesanais e possibilitar formar artesãos e possíveis grupos. O trabalho envolveu um número limitado de pessoas da comunidade. E, grande parte, mulheres, sendo que poucas conseguiram chegar até a etapa final. O resultado gerou uma série de dúvidas/inquietações e um diálogo interno sobre qual a metodologia mais adequada para “ultrapassar os limites”. Estas inquietações transformaram-se em questões problematizadoras que iriam dar origem a reflexões sobre o trabalho com grupos.

A questão que não se cala: afinal, o que mobiliza as pessoas em um movimento contínuo em busca de seus desejos? E qual o fio que conduz a encontros na superação desses desejos em ações que gerem transformação? E o que dá a cola, tecitura, a estes encontros, gestando coletivos/grupos? E as ferramentas possíveis para trabalhar com pessoas e coletivos que os impulsionem a continuar em movimento, sonhando, desejando, projetando um fazer transformador?

Estas questões fizeram parte das minhas reflexões no decorrer da formação do curso de Educação Biocêntrica, na UNISC. A partir do entendimento de que o processo é teórico-vivencial, encontrei um campo de possibilidades dentro da metodologia de educação biocêntrica. O desafio posto requer um caminho de conhecer e conhecer-se em um movimento contínuo e sem volta.

Retomei as velhas questões sobre grupos acreditando na educação biocêntrica como uma ferramenta transformadora de trabalho com coletivos. A questão passa a ser: “como”? Como a Educação Biocêntrica pode contribuir para a organização de grupos, impulsionando possíveis movimentos (ou mudanças) na vida de cada “Ser integrante”, do coletivo, descortinando o próprio facilitador?

Era fundamental mergulhar para vivenciar um processo de grupo e presenciar seus resultados.



Nesse sentido retomei o contato com as educadoras. Percebi que o grupo carecia de suporte na gestão e recursos para ampliar a sua área de atuação. Acreditando em outros mecanismos de acordos nas relações humanas propus um “escambo”<sup>9</sup>. Poderia contribuir para a organização do grupo e, em contrapartida, registraria esta experiência. Propus um trabalho de experimentação com uma metodologia a partir da educação biocêntrica. A artesã se interessou pela idéia, mas teria que passar por algumas etapas de aprovação. Concordei com isso.

Uma das etapas envolvia conversar com um agente político que apóia o grupo desde o início de sua trajetória. Refleti que são fundamentais momentos de conhecimento do grupo e todos os atores que fazem parte do seu universo. E marquei o encontro.

A reunião foi no gabinete de uma vereadora. Apresentei-me, informando do trabalho que realizei em algumas comunidades, entre outras experiências. E me propus a contribuir para a organização do grupo e captação de recursos através da elaboração de projetos. Percebi que esta discussão se coloca em um momento de dificuldade da vereadora visto que enfrentou a troca de boa parte da equipe do gabinete. E, ainda, que vários documentos teriam sido perdidos, incluindo os dados referentes ao grupo. Na conversa ela salienta que a proposta apresentada já teria sido realizada, mas o resultado desse trabalho foi igualmente perdido. Após ouvir o relato penso que em meio a dificuldades existe um campo de possibilidades. E me propus a revisar o trabalho construído caso o mesmo fosse encontrado. O que não ocorreu. Combinamos uma reunião com o grupo, passando para uma nova etapa de acertos.

Na data acordada fui a reunião para ouvir as demandas do grupo. Elas me recebem na casa de uma das participantes. Ficamos na sala ao redor de uma grande mesa. Ao lado fica a televisão. Compartilhamos a discussão no mesmo espaço em que o marido assiste a TV, a neta brinca e a filha que vem falar conosco quando chega do trabalho.

---

<sup>9</sup> **Escambo, permuta, troca directa** ou, transacção ou contrato em que cada uma das partes entrega um bem ou presta um serviço para receber da outra parte um bem ou serviço em retorno, sem que um dos bens seja moeda. Isto é, sem envolver dinheiro ou qualquer aplicação monetária aceita ou em circulação.



Existem laços de parentescos entre parte dos integrantes do grupo. Estes laços foram ampliados aos demais participantes, ou seja, todos chamam a dona da casa de Tia. E quando a conheci entendi os motivos. A forma como recebe, o carinho que dedica a cada integrante do grupo justifica o tratamento. O grupo é receptivo demonstrando o quanto consegue estabelecer vínculos, laços afetivos.

Um grupo se constitui de várias formas. Misto de interesses, necessidades, afirmação da identidade ou, ainda, constituído a partir das redes de relações aos quais os componentes fazem parte. Muitas vezes as redes estabelecem a rota para o caminho da inquietação, ou da conexão. Nesse grupo as redes familiares e de amizade dão o tom para a sua constituição. Grupo aconchego, como fala uma das participantes. Espaço de aceitação, de acolhimento, de compartilhar vários aspectos da vida.

Nesse dia levei um roteiro de trabalho que imediatamente descartei visto achar mais conveniente que o grupo tivesse tempo para pautar as suas questões. Ao todo tinham 9 pessoas na sala, 4 artesãs, a vereadora, o marido da dona da casa, além da sua filha e neta e eu.

No início eles conversavam sobre as questões internas do grupo: feiras, agendas, reuniões com os grupos de economia solidária e prestação de contas. E depois fui apresentada.

Falei do trabalho que realizo e o interesse de contribuir com o grupo e, ao mesmo tempo, solicitei autorização para registrar a experiência.

Parte do grupo fez uma série de observações tentando entender qual seria o meu real interesse, misto de curiosidade e desconfiança. Depois de alguns encontros compreendi que outras péssimas experiências deixaram marcas.

Segundo Benevides (2009), “todo vivo está sempre efetuando encontros. Estes podem ser de composição ou de decomposição, bons ou maus encontros, que aumentam ou diminuem a potência do corpo em sua efetuação. Os encontros produzem marcas nos corpos. Tais marcas, efeito, portanto, dos encontros entre os corpos, nada explicam sobre a natureza dos corpos em questão, apenas expressam sua potência, indicam a presença de um corpo no outro”.



A presença da vereadora, como não poderia deixar de ser, se impôs no espaço direcionando parte das demandas do grupo. Refleti sobre a questão do poder. E como é difícil contrapor aos poderes constituídos engendrados na cultura dos espaços.

Percebi certo descompasso de interesses, mas estava chegando e resolvi não interferir para compreender a dinâmica do grupo. Como parte da parceria ao qual me propus intermediei a doação de matérias prima que seriam descartadas, tanto de uma fábrica de persianas como retalhos de tecidos de um mostruário de um representante comercial. Este material poderia ser utilizado na confecção de bolsas e outras peças artesanais. Acordada a parceria, fechamos verbalmente o escambo.

Nesse tempo, cumpri parte das minhas tarefas e negocieei com a fábrica a doação de matéria prima.

Após alguns dias entrei em contato com uma das artesãs que me informou que já tinham recebido o material, produziram bolsas e que as mesmas seriam comercializadas na Feira do Mercado Público, no centro de Porto Alegre.

Visitei o grupo na Feira para verificar a produção. As bolsas foram confeccionadas de forma simplificada para serem comercializadas por um preço acessível. Em torno de dez a quinze reais. Conversei com as participantes sobre a possibilidade de trabalhar mais o material e estarem atentas para itens como acabamento, forro e inserir pequenos detalhes, agregando valor ao produto e possibilitando ampliar o preço. Elogiei a produção desafiando a construção de outro produto.

No segundo encontro, participaram somente as artesãs e sempre presente os familiares da dona da casa. Novamente, fui extremamente bem recebida. Dessa vez não levei roteiro de trabalho apenas a segunda parte da doação acordada - os tecidos doados. Levei, ainda, bolsas de patchwork para que elas pudessem perceber outras formas. Observei como olhavam o material doado e a forma como distribuam a doação. E também como analisavam as bolsas fazendo observações sobre forma, designe e composição de cores. O diálogo sobre o material proporcionou identificar quais são os elementos que levam em consideração para compor um produto.

Elas mostraram outras bolsas que haviam produzido: com forro, detalhes e melhor acabamento. Em um grupo de artesãs uma das questões que mais se coloca é de afirmação da identidade do produto. Quanto mais diferenciado, exclusivo, dentro de



uma técnica, mais valorizado. Como uma obra de arte. E para compor a obra, criador e criatura tornam parte de um caminho inseparável. Transformam-se em arte. A variável é: quanto mais me conheço, mais meus potenciais afloram.

Em parte, como resultado do nosso diálogo na Feira. Surpreendeu o rápido retorno que deram. Propus ajudar a vender parte da produção.

Como senti o interesse do grupo em refletir o seu processo de organização propus uma atividade, pensando em puxar o fio da teia que compõe as memórias e podem conduzir a caminhos para entender a trajetória do grupo (cartografia). Qual o sentido de resgatar memórias passadas? A partir das memórias de cada integrante pode recompor a história do grupo.

E mesmo o espaço não permitindo muita dinâmica e premida pelo tempo (muitas tinham que sair). Apresentei algumas questões de forma a tecer um mosaico<sup>10</sup>.

**Inserção 1.** Fiz uma pequena introdução remetendo a importância de resgatar a memória, ouvir as histórias, sejam singulares ou coletivas, para compreender os caminhos que nortearam a construção do grupo ou mesmo a revisão dos seus processos. Propus algumas perguntas que deveriam ser respondidas individualmente e depois compartilhadas no coletivo.

Iniciamos com uma apresentação dos participantes por eles mesmos: Quem eu sou? Qual é o meu sonho?

E uma etapa de apresentação do grupo a partir do olhar de cada participante: O que é o grupo e o que deve ser a organização.

O resultado surpreendeu. Foi um momento delicado de sensibilidades e emoção onde elas começaram a revelar suas histórias, sentimentos em relação a elas mesmas, a família e como percebem o grupo nas suas vidas. Algumas choraram, outras riram e começaram a compartilhar as memórias.

Em um segundo encontro, retomei a dinâmica de questões e diálogo, focando sobre o grupo. E ao final solicitei que trouxessem fotografias que representassem momentos da história de suas vidas pensando em retomar o resgate da história que levou cada participante até o Acorde.

---

<sup>10</sup> O mosaico aqui entendido como uma composição de imagens ou descrição sobre um determinado tema.





No terceiro encontro pensei em iniciar a composição do caleidoscópio<sup>11</sup> registrando ou revelando as histórias das participantes, a partir das fotografias. A proposta do caleidoscópio era conduzir cada participante em uma narrativa livre tendo como referencial as fotografias previamente selecionadas por elas mesmas. Abrir o fio condutor da memória de cada vida para entrar na história do grupo. O grupo participaria acompanhando a narrativa e registrando o que lhe pareceria o mais importante. Ao final, o grupo compartilharia as suas percepções. A história narrada poderia revelar outras nuances no coletivo.

Observei que muitas estavam preocupadas sobre a forma como seriam utilizadas as fotografias. Uma delas, especialmente, estava bem apreensiva. Ainda mobilizada pelos encontros anteriores coloca: “porque você faz coisas que mexe com a gente”. Coloquei que para conhecer a formação do grupo é fundamental conhecer a história de cada participante. E que somente assim poderei entender o que é importante para cada uma. Senti a resistência e resolvi aguardar. Elas mudaram a pauta e iniciaram com a parte de organização do grupo.

Como parte das tarefas tratadas no encontro anterior uma das participantes ficou com a responsabilidade de fazer a ficha cadastral. E entregou para que cada participante pudesse preencher sendo que, entre outros dados de identificação, colocou uma questão que considerei particularmente interessante: **COMO EU SOU**.

Elas resolveram preencher a ficha antes da oficina e tiveram dificuldades em responder a esta questão. Um ajudavam as outras. Aproveitei o momento e propus uma dinâmica.

**Inserção 2.** Cada uma deveria escrever na ficha as suas principais características e compartilhar com o grupo. Sejam elas qualidades ou dificuldades. As outras participantes iriam contribuir colocando como vêem a pessoa no grupo. Uma técnica simples, mas que possibilita conhecer como a pessoa se vê e como o grupo a percebe.

1. A pessoa escreve e compartilha – Como eu sou....

2. O grupo fala e a pessoa registra na sua ficha– Eu também sou assim...

---

<sup>11</sup> Existem várias formas de compor um caleidoscópio. Através da criação posso expressar o tempo presente (desenho, produção artesanal, etc). Olhando uma imagem ou uma fotografia identificar um instante. E através da linguagem delinear um cenário, a partir de quem fala e o que traduz. A fala, mesmo quando se reporta a tempos, a muito idos, expressa o presente: saudade, superação, frustração.



3. Junto com o grupo se estabelece um diálogo sobre como eu me percebo e como o grupo me percebe.

Não me permitiram uma zona de conforto e fui desafiada a entrar na dinâmica onde também puderam tecer vários comentários a meu respeito. Nesse momento inseri-me em um misto de papéis - integrante e facilitador.

O resultado foi surpreendente. Pensei: o Caleidoscópio se molda de várias formas.

Elas aguardavam a oficina com fotografias. Coloquei que o trabalho realizado já era suficiente e as fotografias poderiam ser abertas em outro momento. Solicitei para ficar com as fotografias por um tempo.

Apesar de terem ficado preocupadas sobre como a oficina se desenvolveria elas queriam mostrar as fotografias. O movimento de selecionar as fotos, revisitando a história de suas vidas foi tão intenso que quiseram compartilhar com o grupo. E a caixa de pandora se abre.

Podemos conhecer as pessoas pelas mais variadas formas. As imagens através das fotografias é uma delas. As fotos remetem a uma linha da existência e elas se deram conta disso. Aos poucos, livremente, iam contando um pouco das histórias, vinculada as fotografias. E cada uma percebia tudo o que tinha passado. Os pais, a primeira comunhão, o lado espiritual vinculado a igreja católica, a entrada na vida comunitária, o casamento, os filhos, a escola, os trabalhos que tiveram ao longo da vida, os empreendimentos que participaram. São muitas as semelhanças. Uma começava a falar e a outra seguia relatando, expondo partes de sua vida, em um jogral não combinado, tamanha a similaridade.

### **UM GRUPO É O ENCONTRO DE SEMELHANTES, OU DE DIFERENTES QUE SE APROXIMAM NAS SUAS SIMILARIDADES?**

Nesse momento, chegam visitas na casa e as participantes do grupo pedem para continuar a conversa na cozinha, pois queriam continuar a compartilhar as fotos. Rapidamente repassamos as fotos devido ao horário. Os maridos que estavam chegando e não era possível continuar muito tempo com o trabalho.

Uma das participantes - a que cobrou que este tipo de dinâmica tocava o emocional, a mesma que apresentou uma série de questões nas primeiras reuniões trouxe um saco de fotografias, mas não quis entregar. Ficou mobilizada. A escolha das



fotografias foi um momento tão intenso que já não suportava mais entrar no universo da sua vida. Seleccionamos, rapidamente, algumas fotos. Ela separava pela emoção (marido, filhos, pais,...). Eu ajudava na seleção, mas escolhia pela força da imagem ou pela história contida em cada fotografia. Por exemplo: a foto dela grávida, eu achei linda, ela achou que ficou gorda. Mostrou uma foto com vários jovens onde ela contou o seguinte: “este é o meu filho junto com vários amigos na vila onde eu moro. Os amigos foram todos mortos. E da foto só restou o meu filho”. Outra com a família; “a minha família é só de homens. Eu me sinto muito masculina. E por isso que eu faço artesanato, resgata o meu lado feminino”. Nesse momento o marido chegou. E ficamos de continuar em outro momento.

As outras quiseram passar pelo mesmo ritual. Contaram histórias, mergulharam no tempo da imagem. Elas identificaram: a menina, a mãe, a mulher, a filha. E no mergulho deram-se conta de quem são agora.

Nesse dia, ao final, em uma relação de proximidade e vínculo, tecida a cada encontro, uma das artesãs olhou para mim e em uma fala direta acertou o alvo: “você também está muito mexida. Está mais envolvida com o grupo do que desconfiava”.

Nesse momento, rompe-se definitivamente a linha que separa facilitador e grupo. E a verdade se desvela. Não há como mergulhar sem se deixar levar pelas correntes que movimentam este oceano.

Desafiaram-me a contar a minha história através das fotos. E continuo buscando e separando as fotos que revelam a minha existência. Sempre resisti a isto em outros momentos. Hoje considero como fundamental para continuar prosseguindo rever cada momento da minha caminhada.

---

Tivemos outros encontros onde passei para o diálogo de organização do grupo. Tarefa que me cabia no nosso escambo ou acordo estabelecido.

Levei uma estrutura de estatuto baseada em modelos repassados por elas mesmas e pesquisas feitas. O trabalho resultou em um boneco (texto) com muitas partes: inúmeros braços e pernas (conteúdo excessivamente detalhado). Uma discussão que remete a regras, por vezes, é cansativa. Principalmente, se carece de significados. Quando se estabelece um diálogo sobre questões ainda não vivenciadas.



Como um devir futuro: quando o grupo crescer, quando fizer um contrato, quando encaminhar um projeto ou fechar um convênio.

Nesses momentos o grupo pressiona para acelerar a discussão querendo o resultado final do trabalho. O ritmo aumenta. Refletimos coletivamente sobre isso. A conclusão que chegamos é que regras podem ser alteradas a qualquer momento. E o documento, o registro, é fundamental para apresentar projetos. E tem ainda a revisão jurídica. Ou seja muitas mudanças pela frente.

Mas o interessante em relação ao tempo é que ele toma várias dimensões. Por vezes existe uma pressa que as coisas ocorram de forma desenfreada. No momento seguinte engatam em outras discussões envolvendo a vida com os maridos, os filhos, o trabalho ou a ausência dele, sem se dar conta do quanto isto tomou do momento presente.

Como exemplo, uma conversa específica sobre a saída de uma integrante. Questão ainda não absorvida pelo grupo. Momento de intensidade, seja pelo que a pessoa representou para o grupo, ou ainda, de forma específica, como tocou a cada participante. Esta discussão tomou parte de vários encontros sem nem ao menos se darem conta do tempo. Quando existe emoção e a necessidade de rever aspectos da vida, não existe “o Chronos ou Kairos”.

Segundo Warat(2001), o processo de mediação em um grupo “é de sensibilidade que instituem um novo tipo de temporalidade, de fazer do tempo um modo específico de auto-alteração. O tempo instituído como tempo de significação, da alteridade que me reconstitui como singularidade em devir. Falo do tempo do devir fazer da singularidade, do tempo que nos aproxima do que realmente sentimos, que nos conduz rumo à nossa reserva selvagem, ao centro recalcado dos próprios afetos.”

Nesse momento percebo da importância dos ritos para enfrentar as sombras que cotidianamente assombram a nossa existência. No grupo ainda existe uma cadeira vazia. A retirada ou não dessa cadeira é o diálogo que precisa ser restabelecido. Qual o caminho? A restauração das relações chamando para o círculo esta integrante? Retirar definitivamente a cadeira vazia promovendo o rito de desligamento e deixar que os ausentes descansem em paz?



Considero importante criar um momento onde o grupo possa estabelecer o diálogo sobre a cadeira vazia. Quando? O grupo vai indicar.

-----

Nesse encontro elas me recebem com um presente. Uma bolsa onde consta o nome do grupo e o meu nome. Todas do grupo receberam uma bolsa. Nesses momentos percebo o quanto estou mergulhando para dentro do grupo.

Para o trabalho propus começar a segunda etapa do escambo (acordo), a elaboração do projeto de captação de recursos. O método era o mesmo utilizado em outros grupos: apresentação de um roteiro mínimo, contendo uma estrutura de projeto e perguntas básicas que pudessem orientar a construção do **projeto**, objetivos, ações metas, etc.

Premida pelo tempo acordado para apresentar uma proposta pressionei o grupo a dar respostas rápidas de perspectivas de intervenção, o que não ocorreu.

As questões apresentadas geraram mais confusão do que orientação. Algumas hipóteses: faltou entendimento no grupo e maior explicação da facilitadora sobre as questões. Faltou tempo para o grupo elaborar e refletir o que querem do projeto. Pressão do facilitador para obter retorno sobre dados que irão nortear a elaboração projeto? Excesso de dados e questões e inadequação ao universo e linguagem do grupo.

O grupo nunca havia montado um projeto de forma coletiva. Faltavam elementos para entender o que queriam do projeto para afinal construí-lo.

Tinham apenas uma certeza: eram artesãs com experiência em dar aulas em comunidades e que precisavam construir formas alternativas de renda, visto o limite da venda direta ou das feiras.

As diversas experiências em participar de projetos de geração de renda propiciaram que descobrissem o seu potencial de trabalho junto a comunidades. E as possibilidades e limites de repassar o conhecimento em relação a qualquer técnica artesanal.

Havia certa pressa no ambiente visto que precisavam dialogar, com a máxima urgência, de uma proposta de trabalho que possibilitasse captar recursos.



Propus retomar este trabalho com uma proposta de Circulo de Cultura. E as próprias participantes propuseram retomar a oficina em outro ambiente, com tempo livre e tranqüilidade para o diálogo e construção de propostas.

Refleti que a idéia poderia ser interessante. Poderíamos retomar o trabalho dando continuidade a algumas questões que não conseguimos aprofundar e construir ambientes de diálogo e aprendizagem.

Segundo Cássia Regina(2011), ambientes de aprendizagem nas organizações significa mexer na base, nas paredes, no som, no cheiro, na disposição dos móveis, quadros, enfim, na energia que permeia o local. É papel do facilitador, que pode ser nesse caso, o gestor, um consultor externo, um consultor interno, ou uma pessoa convidada a interferir, juntamente com grupo local no clima que define o campo sutil. (texto Educação Biocêntrica e Inovação Organizacional).

Após este encontro, seguem-se tantos outros, desvelando Personas, revelando o grupo. Surpreendo-me em cada passo. Observando e vivenciando com estas mulheres percebo o quando possibilitou reencontrar-me com tantas partes de mim mesmo: educadora, mulher, mãe, criadora do meu próprio caminho.

O mergulho prossegue, assim como as descobertas dessa caminhada em um movimento contínuo de conhecer e conhecer-se, mediar e ser mediada, deixar-se afetar e porque não dizer amar e ser amada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todo o processo de construção de grupo possibilita um repensar de cada Ser participante e do coletivo, de forma permanente. Em um espaço somente de mulheres é visível a não separação entre o fazer e o universo a ele relacionado. Assim como não existe separação entre a arte e o artista no processo de aprimoramento da criação.

Nesse tipo específico de grupo de mulheres existe um compartilhar constante como um espelho que reflete realidades, ao mesmo tempo, distintas e com tantas similaridades. As trocas constantes são próprias do fazer no trabalho, do projeto do grupo.



O pessoal torna-se parte do processo coletivo. Os diálogos são entremeados com situações vivenciadas na família, seja em relação ao marido ou aos filhos. Quase de forma a ilustrar como a pessoa “reage” em determinadas situações – momentos “luz e sombra” que existem em cada um de nós. Mês é onde se estabelece os parâmetros de entendimento de como eu sou fora e dentro do grupo.

Após as oficinas sempre ocorrem momentos em que defino como “A Segunda Parte”. É quando o grupo não está mais focado na “atividade problema” e as participantes começam a falar do cotidiano, sem se dar conta que este microcosmo determina o restante.

Percebem-se semelhanças nos relatos. As histórias estão interligadas por um fio condutor onde as memórias se complementam. Nasci, cresci, meus pais, casei, tive filhos, amigos, aprendi. E relações por vezes tranquilas outras conturbadas com maridos que em paralelo estão reorientando o roteiro de suas vidas.

Nesse momento os aspectos vitais do tempo presente emergem. Iniciam as memórias, passam pelas crises, carências, dificuldades econômicas, problemas com os filhos e a comunicação com os maridos ou ausência dela. E quando maior o grau de confiança, mais intimidade para revelar ou desvelar o que não é dito nem entre quatro paredes. Abre-se a caixa de pandora mergulhando “nas intimidades”, “nos segredos” e “nos desejos”. E as “verdadeiras personas” se desvelam.

Em momentos onde parece que nada faz sentido é que inicia a busca por algo a mais. É a chave que dá significado ao movimento em suas vidas. E somente nesse instante é possível entender a origem da trilha que iniciou o caminho. E somente após esse momento é possível entender o que realmente desejam e formas de orientá-las para isso.

Percebendo todas estas questões não como elementos distantes ou desvios da construção do grupo e de seus objetivos, mas como parte do processo de construção que envolve o Ser, em toda sua dimensão, na relação com o outro e no ato de criar, é que se coloca a Educação Biocêntrica. A partir do diálogo circular, do resgate das memórias e das vivências, abrem-se os portais que “possibilitam” a conexão de cada participante consigo mesmo, e com o coletivo, afirmando a identidade de ser criador e conduzindo a novos e desafiadores caminhos para o futuro.



Navego em sonhos.  
Imagens passam, mas não fixam.  
Observo, como em uma janela;  
Quantos mistérios ainda inacessíveis.

Detenho-me.  
Desafio posto: entrega;  
Volto a pensar no eremita,  
A viagem anunciada sequer começou,

Observo vultos,  
São "Personas" que me habitam;  
Espero que se revelem;  
Sem decodificar ou julgar.

Fico paralisada,  
Aguardando o momento certo de mergulhar.  
Com medo que a vida passe despercebida;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTE Ruth, de. (org.) Educação biocêntrica: **um movimento de construção dialógica**. Fortaleza:Edições CDH, 2007.
2. FLORES, Feliciano Edi Vieira (org.) **Educação biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva**. Porto Alegre: Evangraf, 2006
3. Barros, Benevides Regina. **Grupo: afirmação de um Simulacro**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
4. Warat Luis Alberto. Surfando na Pororoca, ofício do mediador. Editora Boiteux, 2007.

